

ECONOMIA EM MAIO DE 2026

A persistência do choque de energia associado ao conflito no Oriente Médio tornou-se elemento estrutural do cenário macro global, ampliando pressões sobre inflação, expectativas e a função de reação dos bancos centrais. A combinação de inflação reacelerando, atividade resiliente e deterioração das expectativas reduziu o espaço para flexibilização monetária nas principais economias e recolocou no radar cenários de alta de juros, especialmente no Fed e no BCE. No Brasil, embora o Banco Central siga em direção oposta, a piora das projeções de inflação sugere que o “ciclo de calibragem” deve ter um último ajuste em 06/2026, seguido de pausa prolongada.

Nos Estados Unidos, atividade resiliente, mercado de trabalho firme e inflação elevada reduziram a urgência por cortes. O PIB do 1º trimestre de 2026 foi revisado para 1,6% t/t anualizado, com investimentos ligados à IA substituindo o consumo como principal motor do crescimento. Ao mesmo tempo, a queda da poupança e da renda real disponível aponta menor fôlego para as famílias. A inflação segue elevada, com PCE cheio em 3,8% a/a e núcleo em 3,3% a/a, levando o Fed a deslocar sua preocupação do emprego para a inflação e a reabrir a discussão sobre eventual aperto monetário.

Na Área do Euro, consolidou-se um quadro de estagflação leve, com atividade enfraquecida e inflação em aceleração. O PMI composto permaneceu em contração pelo segundo mês consecutivo em 05/2026, enquanto a inflação de serviços subiu de 3,0% para 3,5% a/a, indicando disseminação das pressões para além da energia. Nesse contexto, o mercado espera alta de 25 pb na reunião de 06/2026.

Na China, a recuperação perdeu força na margem, mas o crescimento segue sustentado por investimento industrial, exportações e setores ligados à IA. Os PMIs de 05/2026 permaneceram em expansão, com destaque para serviços. Ainda assim, consumo doméstico e setor imobiliário seguem fracos, enquanto a inflação permanece contida pelo excesso de capacidade. A redução das tensões com os EUA após o encontro Trump-Xi diminui a urgência por novos estímulos.

No Brasil, o cenário inflacionário já era desafiador antes do choque externo, em meio à ausência de hiato negativo e expectativas desancoradas. O PIB do 1º trimestre de 2026 cresceu 1,1% t/t, enquanto o desemprego permaneceu na mínima histórica de 5,4% s.a. e os salários reais avançaram acima da produtividade. O IPCA-15 de maio acumulou 4,6% em 12 meses, superando o teto da meta, com aceleração dos núcleos e sinais de contaminação pelo choque externo. Na política monetária, o Banco Central reconheceu que parte da “gordura” do ciclo de aperto foi consumida pelo choque externo. A expectativa é de corte adicional de 25 pb em junho, levando a Selic a 14,25%, seguido de pausa prolongada. A retomada do ciclo provavelmente só ocorreria em 2027, condicionada à reancoragem das expectativas, sobretudo para 2027 e 2028, e a sinais claros de desaceleração da atividade. A incerteza fiscal e a ausência de medidas de consolidação seguem como riscos adicionais.

ÍNDICES	MÊS	ANO	12 M	24 M	36 M	48 M	60 M
CDI	1,07%	5,66%	14,76%	28,28%	43,68%	63,04%	75,91%
IMA-S	1,09%	5,76%	14,97%	28,84%	44,58%	64,42%	78,35%
IDA-DI (CRÉDITO PRIVADO)	1,82%	5,79%	14,88%	30,51%	51,73%	69,38%	87,09%
IMA-B	0,31%	5,18%	10,82%	16,28%	23,91%	36,88%	43,17%
IRF-M	0,68%	4,33%	13,33%	23,40%	36,36%	56,45%	58,95%
DÓLAR	1,37%	-8,10%	-11,42%	-3,52%	-0,77%	6,94%	-3,35%
IBOVESPA (AÇÕES BRASIL)	-7,22%	7,86%	26,83%	42,33%	60,42%	56,07%	37,69%
MSCI WORLD (Moeda original)	4,37%	9,80%	25,91%	41,20%	73,70%	74,29%	63,48%
NASDAQ (Moeda original)	8,36%	16,05%	41,12%	61,17%	108,52%	123,26%	96,36%
S&P 500 (Moeda original)	5,15%	10,73%	28,22%	43,63%	81,35%	83,44%	80,30%